

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso  
25 centavosVisado  
pela Comissão  
de CensuraRedacção e Administração  
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## A Peregrinação à Franqueira

Como previramos a peregrinação à Virgem da Franqueira, no passado domingo, constituiu uma romagem grandiosa, cheia de fé e crença religiosa e caracteristicamente cristã.

As freguesias do nosso concelho correspondendo ao apêlo do Sr. Arcipreste Rios Novais, Abade de Vila Cova, concorreram grandemente com os seus estandartes e cruces paroquiais acompanhados pelo povo entoando cânticos à Virgem.

A presença de Suas Ex.ªs Rev.ªs D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo-Coadjutor da nossa Diocese, e de D. Moisés Alves de Pinho, bispo de Angola e Congo, veio dar a esta jornada maior realce e imponência.

O Sr. Arcipreste Rios Novais, que de véspera veio para Barcelos tomar parte na recepção daquêles dignos prelados, às primeiras horas da manhã de domingo, já andava incansável e pressuroso a tratar da organização dêste acto de piedade, que saiu pelas nove horas da nova igreja de Santo António da cidade, como era vontade de todos os barcelenses.

Não houve, felizmente, qualquer ocorrência desagradável que concorra para o desânimo dos seus organizadores, antes se acentua cada vez mais a vontade para que estas manifestações de fé religiosa se repitam pelo menos uma vez em cada ano, como nêstes últimos tem sido. Todos os fiéis, animados também pelos seus sentimentos religiosos e com o seu espirito galvanizado por uma fé firme e no desejo de tornarem ajoelhar-se aos pés da Virgem da Franqueira em novas peregrinações, fazem votos ao Altíssimo para que elas se realizem tal qualmente como as já efectuadas.

A Comissão administrativa de N. S. da Franqueira pode regozijar-se pela conquista de mais esta corda de loiros que veio glorificar a sua bõa vontade nos trabalhos e esforços que trazem empenhados para conseguirem que a Franqueira venha a ser o que hoje é o Sameiro, Fátima, Penha e outros, nos quais se destaca sempre a imagem da Santíssima Virgem como grande protectora da humanidade.

Fra Casil.



**Nossa Senhora da Franqueira**





## O Evangelho

Subindo Jesus para um barco atravessou o mar e chegou à cidade (Cafarnaüm). Então apresentaram-lhe um paralítico que jazia no leito; e vendo Jesus a sua fé disse-lhe: «Tem confiança, filho, que te são perdoados os pecados». Um dos escribas pensava: «E te blasfemas». E como Jesus visse os seus pensamentos, disse: «Para que pensais mal nos vossos corações? Qual é mais fácil, dizer «do perdoardos os teus pecados», ou dizer «levanta-te e caminha»? Pois para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar os pecados — e dirigindo-se ao paralítico, acrescentou: — Levanta-te, toma o teu grabato e vai para tua casa. Vendo isto a multidão temeu e glorificou o Senhor que tal poder concedeu aos homens.

### Sinais duma verdadeira conversão

Levanta-te, toma o teu grabato e vai para casa.

1. Os doutores da santa Igreja vêm no paralítico tão miraculosamente curado por Jesus Cristo a imagem dos paralíticos espirituais a quem o pecado secou as fontes da vida espiritual, ou ainda os que a tibieza paralizou a actividade, a acção. No zelo que mostram os homens que conduzem o paralítico, os mesmos doutores vêm duas coisas bem dignas da nossa meditação: as condições e os sinais duma conversão sincera.

2. Estes homens vêm-se em graves dificuldades para conduzir o paralítico à presença de Jesus; uma enorme multidão impede-lhes a passagem; mas descobrem engenhosamente outro caminho...

Assim acontece connosco; mil obstáculos se opõem à nossa conversão: illusões do mundo, seduções do prazer, maus exemplos e vãos propósitos, temer da opinião dos outros, zombarias parvas; mais: paixões ardentes que é preciso reprimir, inclinações agradáveis que é urgente reformar, gostos enganadores que é necessário abandonar; laços queridos que urge quebrar; hábitos inveterados que é mister vencer; depois, ainda vem a imaginação aumentar as dificuldades, o medo, pueril em dar o primeiro passo...

3. E' preciso vencer tudo isto, porque se o desânimo e o desespero se apoderam das almas, tudo estará perdido, talvez irremediavelmente.

Deus quer a nossa conversão; para isso não nos falta com as suas graças; quer suprir a nossa fraqueza, mas não a nossa vontade; auxilia-nos, mas ordena ao mesmo tempo que principiemos a agir; acrescenta às nossas forças o que lhes falta, mas exige que as empreguemos tais como são.

Vede, cristãos, o paralítico do nosso Evangelho: para chegar até à presença de Jesus, fez o que pôde; não lhe é possível ir pelo seu pé, roga a pessoas caridosas que o conduzam...

4. Vejamos agora os sinais duma conversão sincera.

Ao curar o paralítico, Jesus Cristo dá-lhe três ordens diferentes que anunciam os diversos caracteres da conversão do peccador: ordena-lhe que se levante, que leve o grabato em que jazia, e que volte para casa.

O primeiro sinal, por onde se reconhece que um peccador está verdadeiramente convertido, é quando a alma dele, elevada até Deus, não mais se rebaixa às misérias da terra; e que, sustentando-se com firmeza, é constante no estado de rectidão em que a graça a colocou. Não julgamos curado um doente quando o vemos cair a cada momento por falta de vigor. O mesmo se dá com uma alma que emprega poucos esforços para se converter, e que por isso recai muitas vezes.

Não será este o juízo que devemos fazer de nós mesmos, se levamos alternadamente uma vida ora de penitência ora de pecados? não nos atrevendo a darmos inteiramente ao mando, mas não nos dando totalmente a Deus? passando sucessivamente dos santos temores às aviltantes fraquezas? pensamos ter recobrado a saúde, quando só damos passos vacilantes no caminho da salvação, e que o menor obstáculo abala e deita por terra? Levanta-te, diz o Salvador; mas lembra-te de que a recaída é mais funesta do que a doença, e de que, já enfraquecido, tens menos forças para te sustentares de pé e para suportar os remédios.

5. No grabato que Jesus Cristo ordena ao paralítico que leve, os Padres vêem o símbolo dos hábitos, das afeições, das paixões a que a alma está entregue no tempo da sua paralisia.

Aí collocava a alma o seu reposito; aí enfraquecia estendida; aí ficava presa, incapaz de movimento. Após a conversão, tornando-se para ela um fardo os objectos das suas afeições. O seu crime foi gostar do prazer; uma parte da penitência será sofrer-lhe o peso.

Alma peccadora: não hesites em sair desse leito de misérias a que estivestes presa por tanto tempo. E' preciso necessariamente que o arrumes ou que continues a viver dele. Mas ganha coragem: o teu fardo tornar-se há menos pesado à medida que o afastares de ti com fidelidade. As paixões continuarão a atormentarte nos comêços da tua conversão; mas enfraquecerão com a tua resistência a elas, até que recobres o império sobre ti mesmo.

6. Jesus Cristo ordena ao paralítico que volte para casa. E' também a ordem que dá à alma convertida.

Pelo peccado, ela tinha saído de si mesma para se dar às creaturas; a sua conversão deve consistir principalmente em reentrar no seu interior, em conservar-se constantemente recolhida.

Este afastamento dos objectos perigosos, este retiro interior é tudo o que há de mais precioso, é a prova mais manifesta, é a garantia mais segura duma sólida penitência.

Não; não são verdadeiramente convertidos esses peccadores que vemos, depois de alguns sinais às vezes bem equívocos de arrependimento, não se afastar das ociosidades que os arrastavam, conservar ligações que os perderam, voltar aos prazeres que os corromperam.

Vede os justos mais perfeitos, essas almas inocentes que jámais se contaminaram com o peccado mortal, tremem à aproximação do mundo e recear que o seu hábito envenenado manche a flor delicada de suas virtudes.

E não a quem a consciência das próprias fraquezas e a experiência de tantas quedas deveriam conservar em temor e em circumspecção continuas, vamos-nos expor imprudentemente ao contágio que tantas vezes nos atingiu, e expomos-nos ao perigo a que inúmeras vezes sucumbimos!

Quem é assim que acreditará na sinceridade dos nossos desejos de virtude?

Fujamos portanto dum mundo onde tudo são laços para a virtude; e se somos obrigados a viver nêle, entremos com frequência dentro de nós mesmos, para purificarmos a alma da poeira vil com que o comércio do mundo infalivelmente macula os corações mais piedosos.

## Inventos

Entre os inventos de que ultimamente houve notícia, um há que nos parece dos mais curiosos.

Um relógio despertador em que, em vez de retinir, a campainha se limita em pôr em movimento um outro aparelho, destinado a pôr em acção um disco de gramofone e uma máquina de fazer café.

O dorminhoco, quando ao som da música do disco acaba de esfregar os olhos, pode estender a mão para tomar a chávena do líquido apotecado.

E' um invento pela extravagância e ao mesmo tempo pela inutilidade da sua applicação.

Não visa a facilitar o trabalho — estes são os inventos verdadeiramente úteis — mas a favorecer a preguiça e a moleza tão característica desta nossa época derrançada, em que toda austeridade virtuosa perdeu o encanto.

Epoca mais que todas civadas de requintes sensualistas que roubam às almas e aos próprios corpos toda a virilidade e as melhores energias.

E' assim que se predaram as sociedades de poltrões que aguardam o chicote dos bárbaros.

## O homem que ressuscitou duas vezes

Entrou, ha tempos, num hospital de Itália, um doente em tão grave estado, que um dos médicos de serviço, depois de o observar, vaticiou:

— Dentro de dois dias ha neste mundo um napolitano a menos.

E, de facto, quarenta e oito horas depois, o napolitano, que soffera uma operação cirurgica, era declarado cadaver.

Meteram-no num caixão, e a piedade duma mulher cobiu seu corpo de rosas. Poém, no momento em que iam cerrar a tampa da urna, o napolitano agita uma das mãos, afasta as flores e, como Lázaro à voz de Cristo, levanta-se e caminha.

Doze dias depois, sofre uma fractura do crânio e é novamente dado por morto. E, minutos antes de o conduzirem ao cemitério, ergue-se do caixão. Ressuscitou pela segunda vez!

Houve quem reatasse contra os médicos, e embora com menor talento e maior azardume, as ironias de Molière e La Fontaine. Não faltaram também as pessoas que, afastadas pelo desejo de descobrirem uma excepção a uma das mais inexoráveis leis naturais, proclamassem que o napolitano tinha o dom, entre todos invejavel, da vida eterna.

Quinze dias depois alguém lhe comunica que ganhara dois milhões de liras numa lotaria. O napolitano perde os sentidos. Chama um médico, que lhe passa a temperatura de obito. Meteram-no num caixão e esperaram dois dias. Mas o napolitano não voltou a erguer-se. Morrera de alegria, o homem que ressuscitou a duas vezes!



# Crónica da Semana

**Campanha de moralidade.** — Nos últimos tempos têm os costumes sofrido tal invasão de licenciosidade que se torna indispensável uma verdadeira campanha de protesto, de reacção, de corrigenda. As liberdades da moda que são monstruosos ataques de impudor; as liberdades de linguagem escrita ou falada que não conhecem peias da boa educação e ferem os sentimentos mais dignos; as liberdades de ataque à propriedade individual, que são já em grande parte fruto da propaganda de doutrinas libertárias; a facilidade com que muita gente se julga dispensada do cumprimento dos seus deveres e de satisfazer os seus compromissos, e outras circunstâncias deram aos costumes dos nossos tempos uma feição deplorável.

A força do exemplo é poderosa, e uma transigência raramente deixa de ser secundada. O escândalo muito repetido, embora por factos diversos, perde a sua acuidade.

Muitas pessoas que nas primeiras ocasiões ficaram maguadas, acabam por se tornar condescendentes ou indiferentes. E assim os costumes cristãos, o próprio sentir religioso, sofrem, perdendo muito da sua pureza e austeridade.

A sociedade caminha assim para um caos de indisciplinada. Urge pôr travão a esta vertiginosa derrocada. O caso depende em grande parte de nós. Assim como um dique se opõe à invasão das águas de um rio pelos campos marginaes, assim o nosso esforço bem unido e forte poderá obstar à invasão da sociedade pela onda desmoralizadora.

Sejamos austeros, não praticando actos que envolvam quebra dos bons costumes, nem condescendendo com aqueles que os praticam junto de nós, confiados na mesma aquiescência ou indiferença.

Sejamos inexoráveis. O nosso exemplo com o de tantos outros que peusam e sentem como nós, constituirá uma formidável barreira. Quanto maior fôr o número e indefectível o nosso proceder tanto maior o triunfo da sã moralidade.

Oponhamo-nos à dissolvência dos costumes. E' a grande necessidade dos tempos que correm.

**Usura.** — Pela pasta das Finanças foi publicado há dias um decreto, regulando as condições do contrato entre credores e devedores na parte respeitante aos juros, que não podem ir além de 7 por cento. Veio esta medida governativa, oportuna e moralizadora, sanar uma grande chaga, a da usura, que de há muito corroía a sociedade e tem sido causa do infortúnio de muitas famílias. Quantos ricos tornados tais à custa da miséria dos pobres!

Infelizmente a nossa organização de crédito, sobre-tudo no meio rural, ainda não está feita. O pequeno proprietário ou simples jornaleiro, com aptidão para o desenvolvimento de uma pequena indústria, não podem atrever-se a tanto por causa dos sucessivos juros. Mas regulados legalmente e moderados os juros já a sua iniciativa poderá ter viabilidade. Qualquer artista está em condições idênticas. Um pai de família, com poucos meios e filhos a educar, igualmente, etc., etc. De sorte que a beneficência do decreto é evidente e animadora.

Vem esta medida governativa em reforço das doutrinas da Igreja. Os usurários são os assassinos dos pobres, pois, tiram-lhe aquilo de que necessitam para viver, e acabam por tirar-lhe a própria vida, diz S. Bernardino. São como o falso médico que, em vez de curar o doente, lhe rouba as forças que lhe restam, diz S. Basílio. O usurário ajuda o próximo com uma mão e com a outra afunda-o na miséria, diz S. João Crisóstomo.

O decreto do Govêrno, vindo regularizar e tornar mais humano o juro do capital emprestado, sanou uma grande chaga social, a da usura.

\*

**Juventudes operárias.** — Como seria de um belo alcance social e se torna urgente a organização das juventudes operárias católicas! Para se fazer ideia dos magníficos resultados que essa organização traria, aí vão opercritas as reclamações da Juventude Operária Católica, da Bélgica, e que são as bases do seu movimento associativo:

«1.<sup>a</sup> Que os patrões, as companhias de transportes, os poderes públicos, os próprios pais e os adultos em geral, tenham a consciência da sua respectiva responsabilidade moral, religiosa e social, perante o abandono em que se encontram hoje tantos adolescentes, que é preciso amparar e defender dos perigos a que estão expostos, perigos que inutilizam tantas vidas para a *Religião*, para a *Família* e para a *Pátria*;

2.<sup>a</sup> Que se faça uma forte campanha de opinião para despertar o sentido da responsabilidade nesta sociedade decadente;

3.<sup>a</sup> Que se recorde sem cessar a responsabilidade da autoridade paterna e a grave culpa em que incorrem os pais, quando consentem que seus filhos frequentem oficinas e lugares, onde a saúde da alma e a saúde do corpo correm graves perigos;

4.<sup>a</sup> Que aos pais seja comunicado o resultado do aprendizado de seus filhos, a sua boa ou má conduta, e as disponibilidades de salário;

5.<sup>a</sup> Que a responsabilidade dos patrões se manifeste:

a) na escolha prudente de operários adultos e contra-mestres encarregados da instrução dos adolescentes salarizados;

b) pela nomeação de superintendentes, que não convintam que, por palavras ou maus exemplos, possam os jovens operários ser levados à prevariação moral e intelectual;

c) na aplicação de sanções severas contra os infractores do regulamento.

6.<sup>a</sup> Que a administração dos caminhos de ferro, ou quaisquer outras empresas de transportes, imponham a todos os seus agentes e empregados a obrigação de velarem pela boa moral da juventude operária, devendo a chegada e partida dos combóios coincidir com as horas do trabalho, para que aprendizes e jovens operários não sejam forçados a demoras, à espera da partida para as suas localidades;

7.<sup>a</sup> Que todas as autoridades públicas exerçam a mais rigorosa vigilância nos cinemas, dancings, cafés, concertos, etc., sendo proibida a exposição de lus-

trações e impressos perigosos, e a venda a menores;

8.<sup>a</sup> Que todos os que têm responsabilidades de autoridade reconheçam, ajudem e protejam as iniciativas particulares, que se destinam não só à defeza da juventude salariada, mas à sua formação e educação religiosa e moral, para que se valorizem as suas aptidões e desenvolvam as virtudes morais e cívicas, que são a garantia de melhor bem estar social.»

Quando é que entre nós se poderá pôr em prática um programa destes? E, todavia, o caso urge! E' uma das grandes necessidades da época actual. Pede-o a defeza da religião e exige-o o bem estar da sociedade.

\*

**Sinaes dos tempos...** — Uma nota officiosa e noticias particulares, dão conta de uma revolução comunista há dias em Lisboa.

O que tem graça é que o govêrno concordou com parte do programa dos comunistas. Estes na sua propaganda, nos seus métodos de reivindicação e execução dos seus objectivos, exalçam a violência, fazem da violência a grande arma de conquista.

A policia de Lisboa achou-lhes razão e applicou-lhes o programa. Os comunistas vieram para a rua, desfraldaram bandeiras vermelhas, deram vivas à revolução social, atacaram as esquadras, mataram guardas da segurança. A policia saiu-lhes ao encontro, entendeu que a violência deles era um belo exemplo a seguir e mostrou-lhes que as metralhadoras não se haviam comprado para museu.

Houve derramamento de sangue, passageiros forçados a viagens de mistério por mar, mas a paz foi restabelecida em pouco tempo nas ruas.

Ora aí está como o mesmo método produz efeitos diversos...

\*

**Palavras do Papa:** — «E' necessário que os jornalistas católicos de todo o mundo formem um exército bem unido e disciplinado como um bloco único, sob as vistas da Igreja e em completa obediência à orientação dos seus Pastores.»

Quando é que a nossa organização da imprensa chegará ao ponto da plena cooperação para este glorioso mandato do Chefe supremo da Igreja?

## As vagas de calor e as manchas solares

M. Mémerly, conhecido astrónomo do Observatorio de Talence, esforça-se por explicar a relação existente entre as altas e as baixas da temperatura, por um lado, e por outro lado, a abundância, maior ou menor, das manchas solares que estão em correspondência com a actividade do sol.

Se aumenta a quantidade dessas manchas, e com ella a sua importância; resulta daí uma elevação de temperatura em certas regiões terrestres privilegiadas, entã, pela radiação.

Quando, pelo contrario, o numero das manchas solares diminue sensivelmente, ou quando ellas desaparecem, do lado oeste, em virtude da rotação solar, a temperatura das nossas regiões baixa.

Subeventos, geralmente, perturbações atmosféricas em diversos pontos do globo, e principalmente, no Oceano Atlantico e no poente da Europa.



## Dia memorável

O dia 11 do corrente, constituiu mais uma apoteose, um dia de triunfo e de glorificação à Virgem da Franqueira.

Numa bem ordenada peregrinação, milhares de crentes, (segundo alguns cerca de 30.000 pessoas), a maior parte do concelho mas muitos também de bem longe, subiram ao cimo do monte da Franqueira, ajoelharam na pequena ermida e dirigiram à Virgem, Mãe de Deus, preces ferventes.

De ano para ano vai-se acentuando cada vez mais no coração dos fiéis cristãos, este acrisolado amor à Santíssima Virgem.

Está sobejamente provado que a Franqueira, não é só um ponto verdadeiramente turístico, ela é mais, é, sim, um centro de verdadeira religiosidade. Vimos ali com efeito a totalidade dos párocos do concelho, à frente das suas freguesias, representadas pelas suas confrarias e associações religiosas, hasteando as suas bandeiras, vestidos com suas melhores alfaias. E porque não, se são estas as verdadeiras festas em que se dá honra a Deus e seus Santos?

Vimos essa enorme multidão de povo, dirigindo-se para o cimo da Franqueira, comprimindo-se na ância de lá chegarem. Vimos milhares de criancinhas alistadas na Cruzada eucarística, felizmente estabelecida na maior parte das freguesias, vimo-las com os seus sorrisos inocentes e angélicos, com os seus distintivos, símbolos de pureza e candura, a pôrem uma nota celeste neste conjunto admirável!

Para maior brilho e lustre, vimos Suas Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> Arcebispo-Coadjuutor de Braga e Bispo de Angola e Congo, a presidirem a esta romagem imponentíssima.

Meio dia: lá no cimo, num pavilhão improvisado é rezada a missa campal pelo Sr. Arcebispo Coadjuutor de Braga.

Ao Evangelho toma a palavra o Sr. Bispo de Angola e Congo, fazendo uma alocução que foi piedosamente ouvida pelos assistentes. No fim do Santo Sacrifício o povo recebe a Bênção do SS. Sacramento, e, feitas as suas últimas orações, procura nalgum lugar em que possa repousar e tomar as suas refeições.

Parabéns à digna Comissão da Franqueira que se não poupou a sacrificios para esta glorificação mais à Virgem da Franqueira: sem dúvida, a Virgem, que a todos abençoou, reservou para os seus ilustres membros, a primeira e melhor de suas bênçãos.

Sabemos que o produto das esmolas recebidas nesse dia foi pouco além de 2 contos: ajudemos todos a digna Comissão, e façamos pela Virgem da Franqueira todos os sacrificios que em nossas fôrças couber, pois que se muito se tem feito, muito mais resta ainda a fazer.

## Carta de Alvelos

Encorporados na Peregrinação, snbimos no passado domingo ao alto do monte de Nossa Senhora da Franqueira.

Desta freguesia foram as bandeiras do S. Coração de Jesus, da Confraria de Nossa Senhora das Dores e da Cruzada Eucarística das Crianças. Durante o percurso rezamos o terço e entoamos cânticos a Nossa Senhora e ao Coração de Jesus; e, por sua vez, as crianças cantavam o hino da Cruzada e muito povo. Lá no alto junto ao pavilhão assistimos à Santa Missa e à bênção do SS. Sacramento; devendo dizer nós o povo de Alvelos, e tódã a gente que seguiu na peregrinação.

Terminado que foi o religioso acto, escolheu-se lugar onde melhor podesse a gente descançar um pouco e tomar seus merendeiros; depois um passeio no aprazível local, contemplando as lindas vistas do amplíssimo e formoso panorama, na companhia de pessoas de amizade, ali encontradas na ocasião. Visitamos uma vez mais Jesus do Sacrário encerrado na Capela de Nossa Senhora, dirigimos à Virgem da Franqueira um último adeus de saudade, e assim terminou lá em cima o dia da peregrinação.

Um sentimento de tristeza, porém, nos ficou das recordações daquêle dia, e foi que, não faltaram também desta vez, os actos de paganização das nossas festas: desordens junto das pipas do vinho; palavras repreensivas, liberdades licenciosas, conversas amatórias de jovens e donzelas no local junto ao templo; na volta pelo caminho ouvimos e presenciámos palavras e gestos e cenas ainda mais repreensivas e mais imorais.

E' que o nosso povo vai às romarias, e canta e reza nestes passeios religiosos; porém nas suas falas e nos seus modos está paganizado bastante em seus costumes; preciso é afeiçoar-lhes os costumes, crear-lhe uma mentalidade nova, purificar-lhe o coração pela sementeira das virtudes cristãs e actos bons que enobrecem o homem e engrandecem a sociedade.

M.

Barcelos, 13-IX-932.

Foram hospedes do Sr. Prior, P.<sup>o</sup> Joaquim Gaíolas os dignos Prelados que vieram tomar parte na peregrinação à Franqueira no pretérito domingo.

— Têm regressado das praias da Apúlia e Póvoa de Varzim algumas famílias desta cidade, que para ali tinham ido em vilegiatura.

— As obras da Igreja Matriz desta cidade vão recommençar dentro em breves dias, para o que o Sr. Prior já recebeu do Govêrno uma avultada quantia.

— Tornaram-se a intensificar as obras camarárias, estando a demolir-se as casas fronteiras ao antigo quartel, concorrendo-se assim para atenuar a crise do desemprego.—C.

## Carta de Carvalhal

Principiou a colheita dos milhos temporãos, e a vinha mostra bom aspecto, devendo ser abundante em pão e vinho êste ano, pelo que, pobres e lavradores, andam alegres e contentes.

—Vários pedidos feitos ao M. R. Arcipreste, sobretudo de elementos da cidade de Barcelos, obstaram a que a grande peregrinação anual à Virgem da Franqueira, saísse da nossa igreja paroquial, mas ficasse facultativo o incorporar-se em Barcelos ou Carvalhal.

Dividiu-se assim o concelho em duas partes: metade das freguesias aproximadamente, incorporaram-se em Barcelos, saindo da Igreja Nova de Santo António, e a outra metade, em Carvalhal.

Dizer o que foi essa grande apoteose à Virgem da Franqueira é tarefa difícil, pois coisas há, (e esta é uma) que se sentem e se não podem exprimir por palavras. Na verdade, ver o povo todo do concelho, acompanhando os seus pastores e as suas confrarias, entoando cânticos de louvor à Virgem Mãe de Deus, numa mesma comunhão de sentimentos de fé e amor, subir com entusiasmo a encosta do monte num percurso de cêrca de 7 quilómetros, é um espectáculo que nos deixa a alma tódã enebriada!

Desta freguesia tomou parte na procissão quâsi todo o povo e a Cruzada eucarística das creanças, muito florescente, pois conta cêrca de 100 creanças.

Estranhámos não ver êste ano, neste dia, um grande entusiasta por estas peregrinações o que deixou desoladas algumas pessoas: pode vir, *santinho*, esta gente é boa e simples, não faz mal a ninguém. Uma só coisa é necessária: não esquecer a recomendação que lhe foi feita e tudo correrá no melhor dos mundos.

—Por falta de saúde não pôde tomar parte, na procissão, como era seu grande desejo, o nosso pároco.

—Em cumprimento duma promessa a N. S. da Conceição, houve uma missa cantada, domingo, 11, sendo celebrante o Rev. pároco.

Um como muitos...

—Eu cá não acredito senão no que vejo! — dizia enfaticamente certo espirito forte, vindo da Argentina, a um grupo de homens bons e simples da al. eia.

— Vê lá o que dizes, homem! — responde-lhe alguém ali do lado.

— Eu sei o que digo, meu caro — retorquiu o enfatico livre pensador.

— Então não acreditas na tua honradez?

— Anh? ! ...

— Nem no teu juizo?

— Nem no teu carão er?

— Nem na tua intelligencia?

— Anh? ! ...

— Porque, afinal, n. nhn. a dessas coisas se vê. E se tu proprio não acreditas, é natural que os outros tambem não acreditem nisto que ninguém vê...

E embatueou o pobre do homensinho.